



## O RETORNO À EXISTÊNCIA AUTÊNTICA DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCAL

Jéssica Akemi Kawano Ribeiro (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Max Rogério Vicentini (Orientador), e-mail: mrvicentini@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

**Palavras-chave:** engajamento, teoria feminista, sociedade patriarcal

### Resumo:

Este projeto utiliza do conceito de Sujeito/Outro, de Simone de Beauvoir, na relação entre Homem/Mulher, procurando compreender o papel da mulher na sociedade patriarcal. A partir da descrição de filósofas e ativistas feministas – Monique Wittig, Audre Lorde, Andrea Dworkin e Gerda Lerner -, visamos esclarecer como e porque a mulher vem exercendo um papel secundário, sem existência autêntica e livre em uma sociedade de domínio masculino. Trata-se de aplicar o conceito de engajamento filosófico - em sentido sartriano - como efeitos da análise teórica que visa despertar as consciências e modificar a realidade.

### Introdução

Parece a muitos uma divisão desnecessária reivindicar a existência em si das mulheres, buscar e expor a história, a filosofia, a versão do mundo que é delas. Aos adeptos dos preceitos de “fraternidade, liberdade e igualdade”, parece muito mais justo falar dos homens em geral, o que as incluiria também. Realmente, seria muito mais enriquecedor um estudo de todas e todos, onde tais nichos não existissem, mas eles existem e é impossível ignorá-los. As mulheres, uma vez que possuem maiores dificuldades para ter direitos e visibilidade, não fazem parte da história e da filosofia que os homens clamam para eles. Não são elas quem contam essa história, embora participem dela, permanecendo à sombra da interpretação estabelecida. Desde que o mundo é mundo, as mulheres estiveram





acorrentadas a um mundo que não é o delas, que as silenciam e as tornam “objeto”, ou, nas palavras de Simone de Beauvoir, “um Outro”. Alienadas na ideia de que há uma condição humana natural, e que não há nada mais natural e sagrado que seu silêncio e convivência, as mulheres, no mais das vezes, sequer percebem essas amarras; porém, afirma Sartre: “nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo” (SARTRE, J-P. O Existencialismo é um Humanismo, p. 9). Sendo assim, é preciso que os seres humanos, livres e não-determinados, se posicionem e discutam sobre a existência da mulher, na esperança de que um dia ela existirá sem qualquer tipo de impedimento.

### **Materiais e métodos**

Para tal, utilizo ideias das filósofas e ativistas feministas Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo I e II*, 1949; Monique Wittig, *One is not born a woman*, 1985 e *The Straight Mind*, 1980; Gerda Lerner, *The Creation of Patriarchy*, 1986; Andrea Dworkin, *Pornography – Men Possessing Women*, 1979 e *Woman Hating*, 1974; e Audre Lorde, *The Master’s Tools Will Never Dismantle the Master’s House*, 1984 e *I Am Your Sister: Collected and Unpublished Writings of Audre Lorde*, 2009. Lendo e interpretando livros e artigos das mesmas, tal como de comentadoras, para que o assunto pudesse ser exposto e interpretado com maior precisão.

### **Resultados e Discussão** (Arial 12, Negrito, alinhado à esquerda)

Uma vez que, como discutido no decorrer do projeto, mulheres e homens não possuem uma natureza intrínseca, mas sim são construídos socialmente; é preciso discutir acerca do papel que a mulher exerce atualmente na sociedade, no mundo público e nas relações pessoais. É certo que o ser humano não possui uma essência determinada mas, pelo contrário, é sempre um vir-a-ser. Contudo, a mulher, uma vez inserida em uma sociedade patriarcal, onde “o que as mulheres fizeram e experimentaram ficaram sem registro, negligenciado e ignorado na interpretação” (LERNER, Gerda. *A Criação do Patriarcado*, p. 4), se vê impedida de construir seu próprio ser e papel no mundo. Na sociedade patriarcal, a mulher é bombardeada diariamente com definições prontas do que ela pode ou não pode ser; não cabendo a ela a definição de si mesma,





ela permanece na “minoridade intelectual”, termo cunhado por Kant (1783) para definir aqueles que não fazem uso livre do próprio entendimento. Cabe a elas e a todos interessados na liberdade de si e dos outros indivíduos, agora, solucionar dada situação.

## Conclusões

Segundo Simone de Beauvoir, nada daquilo que é escrito é puramente contemplativo, pois nos projetamos no pensamento, seja o da pessoa que escreve ou o da que lê. Assim, “o homem jamais contempla, ele faz” (BEAUVOIR, Simone. Por uma Ética da Ambiguidade, p. 66). Portanto, se alguém se recusa a tomar partido sobre algo, no caso, a situação das mulheres, decide que tudo permaneça como está. Ao se engajar acerca de sua própria situação, a mulher clama e manifesta sua liberdade ao apelar à liberdade de quem a lê. Tal engajamento não cabe apenas à mulher escritora, mas a todas e todos. Porém, uma mulher engenheira ou comerciante, por não trabalhar com as palavras, não é engajada enquanto especialista, mas enquanto mulher; já a mulher escritora, uma vez que trabalha diretamente com as palavras e a comunicação direta com as outras pessoas, sua responsabilidade “se reflete inteira em sua arte, já que (...) ao nomear o mundo, o transforma” (SOUZA, Thana Mara. Sartre e a Literatura Engajada, p. 46). Assim, para que as mulheres possam começar a construir seu próprio lugar no mundo, precisam colocar à prova toda tradição cultural feita e propagada pelos homens; uma vez que elas vêm apenas reivindicando um pequeno lugar dentro daquilo que já está dado, uma essência pronta: “a mulher ideal”. Isso se dá ao reivindicarem seu lugar no espaço público e seu papel na história, ao participarem da construção da política, da cultura, enfim, ao afirmarem-se como um ser no mundo. Tal luta de determinado grupo para poder enfim ser livre é também colocada por Sartre; o existencialismo sartriano não nega o movimento histórico, pelo contrário, o afirma. Segundo ele, o indivíduo é colocado em determinado local, situação social e período histórico. Tal condição interfere de formas diversas no ser humano, porém, é certo que as condições históricas são uma construção humana, e esta sempre é passível de ser alterada, reformada e revolucionada.





## Agradecimentos

Agradeço à oportunidade de realizar este projeto e ao apoio financeiro recebido. Agradeço ao meu orientador, Max Rogério Vicentini, e ao professor Cristiano Perius pela confiança no meu trabalho e pela ajuda no decorrer do projeto. Agradeço à minha mãe e à minha namorada por serem exemplos de tudo que nós mulheres podemos ser, mesmo dentro de tantas limitações, e, sobretudo, pela paciência, carinho e cuidado.

## Referências

BEAUVOIR, Simone. **Por uma Ética da Ambiguidade**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira;

LERNER, Gerda. **The Creation of Patriarchy**. Tradução minha. New York: Oxford University Press, 1986;

SARTRE, J-P. **O Existencialismo é um Humanismo**. 3. ed. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987;

SOUZA, Thana Mara. **Sartre e a Literatura Engajada**. São Paulo: Edusp, 2008.

